



casadesarmento

centro de estudos do património

Revista de Guimarães

Publicação da Sociedade Martins Sarmento

O NATAL EM SANTO TIRSO.

LIMA, Fernando de Castro Pires de

Ano: 1922 | Número: 32

Como citar este documento:

LIMA, Fernando de Castro Pires de, O Natal em Santo Tirso. *Revista de Guimarães*, 32 (2) Abr.-Jun. 1922, p. 150-154.

Casa de Sarmento
Centro de Estudos do Património
Universidade do Minho

Largo Martins Sarmento, 51
4800-432 Guimarães

E-mail: geral@csarmento.uminho.pt

URL: www.csarmento.uminho.pt



Este trabalho está licenciado com uma Licença Creative Commons
Atribuição-NãoComercial-SemDerivações 4.0 Internacional.

<https://creativecommons.org/licenses/by-nc-nd/4.0/>

O NATAL EM SANTO TIRSO

As *matanças* dos porcos realizam-se geralmente pelo *Santo André* (30 de Novembro), mas continuam até ao Natal, e mesmo depois, enquanto o frio se mantém.

Diz o povo :

«Pelo Santo André
faz o porco *cué, cué...*»

Determina-se a época, usando-se a seguinte fórmula :

«Dos Santos ao Santo André
um mês é;
do Santo André ao Natal
é outro que tal;
mas quem bem contar
três semanas há-de achar.

Morto e desfeito o porco, quasi sempre no domingo seguinte, há um banquete em que se reúne toda a família, e em que predomina o sangue de porco (*sarrabulho*), que dá o nome à festa, e a carne fresca: rojões, lombo, fígado, etc.

Depois de recolhido o sangue do porco num alguidar, coze-se numa panela; enquanto se procede a essa operação, costumam alguns chamar o porco como se elle estivesse vivo (dando estalos com a língua no céu da bôca), para que o sangue fique bem *folhado*.

O caso explica-se assim: Quando se chama pelo porco em vida, elle agita-se, e o sangue mexe-se, tornando-se mais vivo. O mesmo acontece quando o sangue está a ferver na panela.

Na véspera do Natal há a *consoada* em que predominam o *bacalhau cozido com batatas*, os *mexidos*, as *rabanadas*, as *sopas-sêcas* e a *letria*.

Nas casas mais ricas é costume organizar-se uma *árvore do Natal* — um pinheiro novo, onde se dependuram brinquedos, que são distribuídos pelas crianças.

Na noite da *consoada* queima-se o *cepo* — que continua a pôr-se no lar todos os dias até às Janeiras ou até aos Reis. Passados os Reis, guarda-se o *cepo*, que, pôsto ao lume por ocasião das trovoadas, tem a virtude de as afastar. Tem o mesmo poder as cascas das pinhas assadas na noite de Natal.

Nas vésperas do dia do Ano Novo e de Reis anda o povo a cantar pelas portas, aos magotes, recebendo em paga dinheiro, e às vezes entram nas casas, onde comem e dançam pela noite adiante.

Eis alguns romances que ouvimos nas festas de 1920-1921.

- 1) «Vimos dar as boas festas
a estes nobres senhores;
é nascido um Deus Menino,
em Belém, entre os pastores.

Lá no Céu há um castelo,
fornado à maravilha;
lá no primeiro degrau
onze mil anjos havia;
lá no meio d'elles todos
estava a Virgem Maria

com seu menino nos braços
que seu peito lhe pedia;
o seu leite era tão doce
que Jesus adormecia.

Enquanto Jesus dormia,
chorava a Virgem Maria.
Acordou Jesus e disse:
— Porque choras, ó mãe minha?
— Choro pelos pecadores
que no outro mundo havia:
Uns que me pedem pão,
outros que me pedem vida,
outros me pedem glória,
eu dá-la a todos queria.

- 2) Os três Reis estão chegados
à lapinha de Belém,
visitar um Deus Menino,
que Nossa Senhora tem.
Nossa Senhora lhe disse:
— Filho meu, que te farei?
Não tenho cama nem berço;
nos braços te criarei.

O' Pastores, entrai, entrai
por êsse portal sagrado;
lá vereis estar o Menino
entre as palhinhas deitado.
As palhinhas botam mel
ó divino Manuel;
as palhinhas botam lírios
ó divinos dos Martírios;
as palhinhas botam cravos
ó divinos três Reis Magos;
as palhinhas botam flores
ó divino dos Senhores.

-
3) Sobreirinho ramalhudo,
ao pé lhe cai a bolota;
— Se o senhor nos dá os Reis,
mande-me abrir a porta.
— Minha porta não se abre
menos que não venha o dia.
Era meia noite em ponto,
minha porta aberta ia:
quem na abriu foi os Anjinhos
e mais a Virgem Maria.

No fim dos romances veem as cantigas — quadras
populares que se adaptam às pessoas da casa:

Viva lá o senhor F.,
 casaquinha de pinhão;
 para ser nosso amigo,
 deve-nos dar um tostão.

Viva lá o senhor F.,
 correntes de oiro ao peito;
 quando passa pelas m^oças,
 empisca-lhe o olho direito.

Viva lá o senhor F.,
 raminho de peonia;
 tam bonita como o sol,
 tam clara como o dia.

Viva lá o senhor F.,
 raminho de ao pé do tanque;
 dá-lhe a chuva, dá-lhe o vento,
 cada vez é mais brilhante.

Viva lá a senhora F.,
 raminho de entre o valado;
 estimo que casé cedo
 com rapaz do seu agrado.

Viva lá o senhor F.,
 casaquinha de riscado;
 para ser nosso amigo,
 devia-nos dar um cruzado.

Viva a senhora F.,
 que é uma senhora de nobreza;
 quando os pobres vêm à porta
 nunca saem com tristeza.

**Se o dono da casa é generoso, o rancho retira-se
 satisfeito, depois de cantar as despedidas:**

Vimos dar as despedidas
 por cima da meia rasa;
 vivam os senhores todos
 que estão dentro desta casa.

Vimos dar as despedidas
 por cima de Guimarães;
 se não tem mais que nos dar,
 dê-nos sequer as *maçães*.

Vimos dar as despedidas
 por cima de Santo Tirso;
 se não tem mais que nos dar,
 dê-nos sequer um chouriço.

Vimos dar as despedidas
por cima da flor da *gesta*;
acabaram-se as cantigas,
também se acabou a festa.

Já temos os Reis cantados,
cantámo-los muito bem;
adeus, meus senhores todos,
até ao ano que vem.

Já temos os Reis cantados,
bem haja quem os cantou;
eu andava muito rouca,
e a Senhora me ajudou.

Se o rancho não recebe os *reis*, isto é, a recompensa da cantoria, lança contra o sumítico uma quadra satírica :

Esta casa é tam alta,
ferrada de pau espinho;
o senhor que nela mora
é judeu, e tem rabinho!

Santo Tirso, Janeiro de 1921.

FERNANDO ANDRADE PIRES DE LIMA (1).

(1) Este artigo é a parte principal de um exercício apresentado pelo autor, meu sobrinho, quando frequentava a sexta classe de Letras.

Poucas alterações introduzi naquele trabalho, que é interessante, e vem acrescentar alguns elementos ou fornecer variantes às *Tradições Populares de Santo Tirso*, que vão na 3.ª série, e que teem sido publicadas por mim na *Revista Lusitana*, vol. es XVIII a XXII.

Para saberem se um porco está gordo usam em Ervedosa do Douro o seguinte processo: Arrancam-lhe um pêlo, e colocam-no com a parte arrancada sôbre uma unha. Colando, o porco está gordo.

Havia antigamente épocas em que não se podia vender carne de porco:

«...vendendo-se carne de porco antes daquelle tempo, em que pode deixar de ser nociva, em que o Senado com parecer dos Medicos lhe dá preço...» (Decreto de 18 de Nov. de 1687. Coll. II dos Decretos e Cartas do Liv. I das *Ordenações*).

Abril de 1922.

AUGUSTO C. PIRES DE LIMA.